

As mesmas nuvens

I really don't know clouds at all

Joni Mitchell

Não, com nenhuma palavra abriás a porta

Manuel António Pina

Começo pelas nuvens. Elas são tudo o que tenho. Três nuvens algodoadas sobre um fundo cinzento. De cada uma delas, se projetam dois jatos azuis que desaguam em poças ligeiramente esverdeadas. Olho novamente para a tela — que é também a tela do meu computador — vejo que esses jatos são também pares de pernas — e agora percebo as nuvens como torsos que caminham, enfileirados, numa espécie de peregrinação. Ou essas nuvens dotadas de pernas estariam sapateando, ladeadas pelas cortinas ornamentadas do palco, que acabam de se abrir? Pisco os olhos, encaro outra vez a tela: Árvores! As nuvens são as copas de três árvores gêmeas.

*

Quando recebi a proposta de escrever sobre a exposição de Hiroshi Sugito, soube que não teria acesso aos trabalhos que seriam exibidos. Por quê?, você se pergunta, como eu me perguntei. Bem, em primeiro lugar, porque Sugito está bem longe, em Nagoia, no Japão. Visitar seu ateliê é impossível. Além disso, as pinturas ainda estão sendo feitas. Mas ele avisa que uma pintura de 2008, *Rain Clouds*, seria exposta ao lado desses outros trabalhos misteriosos.

Eu me embrenho, então, nos catálogos de Sugito: percorro quatro décadas da produção de um artista que é, a um só passo, meticuloso e audaz, e parece estar especialmente preocupado com os nossos modos de ver, sobretudo quando insiste na variação e recombinação de elementos — a exemplo do jogo com as molduras e da recorrência das cortinas em suas pinturas, que evidenciam o fato de que uma obra de arte é sempre, no mínimo, a imagem de uma imagem.

Resolvo escrever sobre a imaginação, pois tanto a tarefa de falar sobre algo que não conheço (e que está acontecendo agora do outro lado do planeta) quanto as *Rain Clouds* de Sugito me parecem afins a esse campo: "Está com a cabeça nas nuvens", costuma-se dizer sobre alguém que devaneia, pois as nuvens, como a

imaginação, são “a própria experiência da abertura”.¹ Com seu corpo sem superfície, em constante transformação e aberto à atmosfera, as nuvens sintetizam o caráter fugidio e permeável desse *pensamento a passeio*, que forja imagens que só existem na medida em que estão prestes a se desfazer — “numa fração de segundo/ deixam de ser estas, tornam-se outras”², escreveu a poeta Wisława Szymborska. Na obra de Sugito que vejo através da tela, porém, as nuvens — que comumente associamos ao campo inatingível do céu — estão enfaticamente ligadas ao campo inferior da pintura por meio do evento climático da chuva. Não há, portanto, qualquer binarismo que oponha céu e solo, nuvem e poça, mundo aéreo e mundo terrestre. “Tudo está em contato com tudo”³, escreveu Emanuelle Coccia sobre a forma como o que vem do alto se infiltra na Terra e possibilita que aqui haja vida.

Do mesmo modo, preciso me lembrar que a imaginação não acontece sem os estímulos da experiência sensível, e tampouco sem os influxos da memória. Em seu ensaio *Imagens da imaginação*, a escritora portuguesa Tatiana Faia defende que “A imaginação tem, ou parece ter, a mesma estrutura da memória, mas tende a ultrapassá-la em velocidade, prazer e angústia, uma pertence ao passado, e outra ao futuro”.⁴ Quando elenco, na obra de Sugito, suas muitas casas, imediatamente lembro de como imaginei as ruínas da minha própria casa. Não sei se estou indo em direção ao passado ou ao futuro, mas sei que as casas de Sugito, como a minha, são *uma espécie de contágio: é para lá que as coisas escoam*. Em sua arquitetura muitas vezes ilógica mas sempre articulada ao entorno, elas parecem condensar a passagem do tempo — aquilo que se desenrola entre o antes e o depois, mas também o tempo como fenômeno climático. Nessas casas ora vazadas, ora labirínticas e impenetráveis, vejo uma certa “nostalgia do caos”⁵ que rege o mundo orgânico: muitas têm uma árvore adjacente, e há casas amadurecendo até em naturezas-mortas.

*

Recuo por um instante e reparo que estou empilhando palavras como quem empilha tijolos, justamente para falar do trabalho de um pintor que certa vez declarou: “Começo a mover meu pincel como se estivesse entrando num bosque, longe de tudo, e quero que as palavras e significados percam seu poder e simplesmente

¹ Gaston Bachelard, *O ar e os sonhos. Ensaio sobre a imaginação do movimento*. São Paulo, Martins Fontes, 2001.p. 1

² Wisława Szymborska, *Poemas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. Trad. Regina Przybycien. (p. 103)

³ Emanuelle Coccia, *A vida das plantas: uma metafísica da mistura*. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018. Trad. Fernando Scheibe. (p. 85)

⁴ In: revista *Ouriço* 3. Belo Horizonte/ Juiz de Fora: Macondo e Relicário, fevereiro de 2024.

⁵ Idem, p. 145

desapareçam”. Talvez a resistência de Sugito ao “reino das palavras”⁶ esteja diretamente ligada a uma crítica da interpretação — que, segundo Susan Sontag, pressupõe que “algo que aprendemos a chamar de ‘forma’ está separado de algo que aprendemos a chamar de ‘conteúdo’”.⁷ Em vez do imperativo da interpretação, Sontag defende a recuperação dos sentidos, para que se dê mais atenção às formas e se possa “ver a coisa”⁸.

Tento aguçar os meus sentidos enquanto encaro mais uma vez as *Rain Clouds*. Por um instante consigo deixar de ver tudo aquilo que enxerguei nelas — permito que as nuvens sejam apenas nuvens — ou deixem de ser nuvens e se tornem apenas manchas brancas que perdem definição à medida que amplio a imagem. Agora as nuvens são como palavras que, repetidas à exaustão, se tornam puro som, vazias de sentido. A pintura de Sugito habita uma zona intersticial entre a figuração e a abstração, e talvez seja nessa liminaridade que o artista reconhece a falha das palavras, que de alguma forma se neutralizam no vaivém entre o reconhecimento e a opacidade.

Por e-mail, recebo o “Daily Poem” que a *Paris Review* envia diariamente a seus assinantes: é *The Cloud*, de Jeffrey Skinner. A coincidência me faz sorrir, e um verso do poema me parece especialmente oportuno: “All words mingle, eventually, in the same cloud”.

*

Prestes a entregar este texto, recebo outro e-mail, dessa vez com as tão esperadas imagens das obras que Sugito vai expor. Hesito em abrir o arquivo — será que não prefiro permanecer na atmosfera da imaginação? Decido seguir em frente, e o que encontro ali é uma série de obras sem título que fazem murchar um pouco mais meu maço de palavras. Mas elas ainda são tudo o que tenho:

Uma casa invadida pela confusão efusiva do mato. Outra casa vazada, tomada pelo musgo, misturada ao fundo e ao rochedo sobre o qual se ergue. Cantos e pedaços de casas, coisas que boiam. Tento não interpretá-las, mas reagir a elas. E então, as nuvens, de novo — mas de forma nova. E, por fim, duas grandes telas de linho cobertas por inúmeras folhas de papel sobre as quais o artista pintou finos retângulos verticais — em uma delas, em variações de branco, bege, cinza; na outra, em tons de rosa. A impressão é a de um sem-fim de retalhos de papel que se precipitam: a atmosfera adquiriu uma profusão de superfícies. Imagino que abri as janelas, e lá fora chove uma chuva que, de tão densa, deforma — reimagina — a

⁶ Carlos Drummond de Andrade, “Procura da poesia”. IN: *Nova reunião*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. (p. 105)

⁷ Susan Sontag, *Contra a interpretação*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. Trad. Denise Bottmann (p. 16).

⁸ Idem (p. 29)

paisagem. Imagino, como Frank O'Hara, me tornar "uma paisagem na paisagem", e então me deforme também, enquanto me precipito. Agora a tempestade faz desmoronar lentamente as casas sobre todas as palavras possíveis.

Julia de Souza